



“INTERCAMBI-AÇÕES MANDRAGORIANAS”: A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE GÊNERO NOS ESTUDOS DE RELIGIÃO

Fernanda Lemos*

RESUMO

Este ensaio pretende analisar a produção de conhecimento sobre a temática de ‘gênero’ no âmbito do ‘Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL’. Para isto, quantificaremos os títulos das teses e dissertações produzidas durante os 40 anos de existência do ‘Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo’ (1981 a 2021); a partir disso, selecionaremos o quantitativo de pesquisas produzidas a partir da temática ‘gênero e religião’; e, por fim, buscaremos observar se o processo de formação e consolidação do Mandrágora/NETMAL impulsionou a produção de conhecimento sobre gênero no contexto do PPGCR-UAMESP.

Palavras-chave: Grupo de Pesquisa; Gênero; Religião.

“MANDRAGORIANAS INTERCHANGES”: THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE ABOUT GENDER IN RELIGION STUDIES

ABSTRACT

This essay aims to analyze the production of knowledge on the theme of ‘gender’ within the ‘Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL’. For this, we will quantify the titles of theses and dissertations produced during the 40 years of existence of the ‘Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo’ (1981 to 2021); from this, we will select the quantity of research produced from the theme ‘gender and religion’; and finally, we will try to observe whether the process of formation and consolidation of the Mandrágora/NETMAL stimulated the production of knowledge about gender in the context of the PPGCR-UAMESP.

Keywords: Research Group; Gender; Religion.

* Doutora em Ciências da Religião. Professora Associada do Departamento e Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba.

“INTERCAMBI-ACCIONES MANDRAGORIANAS”: LA PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO SOBRE GÉNERO EN LOS ESTUDIOS DE RELIGIÓN

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo analizar la producción de conocimiento sobre el tema ‘género’ dentro del ‘Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL’. Para ello, cuantificaremos los títulos de tesis y disertaciones producidas durante los 40 años de existencia del ‘Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (1981 a 2021); a partir de esto, seleccionaremos la cantidad de investigaciones producidas a partir del tema ‘género y religión’; y finalmente, buscaremos observar si el proceso de formación y consolidación de Mandrágora / NETMAL impulsó la producción de conocimiento sobre género en el contexto del PPGCR-UMESP.

Palabras-clave: Grupo de investigación; Género; Religión

Antes de tudo, gostaria de informar ao/à exigente leitor/a da Revista Mandrágora sobre minhas intenções, o que escrevo a seguir é um ensaio! Valho-me desta explicação por dois motivos, o primeiro deles está associado ao modo como assumi para escrevê-lo, considerando as importantes contribuições do Grupo de Pesquisa de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL¹ e, consequentemente, sua influência sobre minhas opções temáticas durante o período de 2000 a 2010 – o que talvez não tivesse licença teórico-metodológica para fazê-lo, caso optasse por um artigo. O segundo motivo refere-se ao fato de que, apesar do levantamento de dados que faço sobre a produção discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e a influência do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL² sobre as produções temáticas de gênero, procurei ser singularmente sintética, acreditando que um aprofundamento futuro se faça necessário. Da mesma maneira

¹ A partir de agora quando nos referirmos ao Grupo de Pesquisa Mandrágora/NETMAL o faremos no masculino (o Mandrágora), considerando sua especificidade quanto Grupo de Pesquisa. Nas situações textuais em que mencionarmos no feminino (a Mandrágora), referir-nos-emos à Revista Mandrágora, enquanto publicação do Grupo de Pesquisa Mandrágora/NETMAL.

² Em alguns momentos da produção textual, utilizaremos abreviações tanto para o Grupo de Pesquisa (GP), quanto para o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (PPGCR-UMESP).

espero, assim como Max Weber (2011, p. 27), ser superada pelos meus pares num estudo mais aprofundado sobre o objeto que ora proponho.

Esse ensaio, portanto, pede a liberdade de uma pesquisadora que viu o GP crescer e se solidificar no ambiente acadêmico, por meio da insistência e da coragem de seus integrantes no enfrentamento de um lugar patriarcal de produção do conhecimento. Sem desconsiderar o rigor metodológico, valho-me das questões subjetivas da pesquisa e, porque não dizer, de meu envolvimento com ela. Torno-me parte desse ensaio, por isso, sem o mínimo problema utilizo, por vezes, a primeira pessoa ao escrevê-lo.

Partimos da premissa de que a ‘neutralidade axiológica’ inexiste a partir do momento que o objeto de pesquisa que escolhemos faz parte de nosso interesse pessoal. Essa discussão se faz necessária tendo em vista as opções temáticas que fazemos ao aderir a um determinado grupo de pesquisa. Escolhemos os Grupos com as temáticas que mais nos interessam, da mesma forma o objeto de pesquisa. Não é uma imposição institucional, mas uma aproximação pela afinidade. E comigo não poderia ter sido diferente, sinto-me escolhida pelo Mandrágora, dada a aproximação temática que tive com ele desde sua origem e o início de minha trajetória acadêmica.

Outrossim, esse ensaio não se propõe a traçar uma autobiografia acadêmica e/ou uma memória do Mandrágora, mas buscará demonstrar a necessidade da comunidade acadêmica em manter uma interlocução comunitária científica, o que denominaremos de ‘intercambi[ação]’. A intercambi-ação propiciada pelo Grupo de Pesquisas de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal seria, portanto, uma troca de experiências temáticas entre pesquisadores e pesquisadoras, em âmbito nacional e internacional, dos estudos de gênero e religião, cumprindo assim o objetivo da pesquisa científica comprometida com a realidade social.

Para além dos dados censitários³, a produção de conhecimento

³ O universo brasileiro da pesquisa científica é constituído por uma diversidade de grupos, que geralmente são cadastrados no Diretórios do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Segundo este diretório, até 2016 o Brasil tinha 37.640 grupos de pesquisa (GP) ativos cadastrados em sua base de dados, dos quais 8091 faziam parte da Grande Área de Ciências Humanas. Quando classificados por área de conhecimento, nossa área Teologia tinha apenas 104 grupos cadastrados, representando uma fatia de 0,3% dos GP da grande

nos GPs se dá ‘pelas mãos’ de sujeitos pesquisadores, indivíduos atraídos por experiências contínuas que, consequentemente, definem suas produções acadêmicas. A participação como membro de um GP inclui o sujeito num processo de sociabilidade acadêmica, sua escolha é marcada pelo interesse temático, que por sua vez não está dissociado de suas experiências sociais. Não há, portanto, escolhas aleatórias, mas intuitivas. Para considerar esta possibilidade, aproveito das instigantes reflexões realizadas por Max Weber em “*Ciência e Política: duas vocações*”, quando no início do século XX ponderava sobre a vocação do cientista que, segundo ele, deve ser apaixonante a ponto de embriagar seu vocacionado, caso contrário ela/ele “jamais sentirá o que se pode chamar a ‘experiência’ viva da ciência”. (Max WEBER, 2011, p. 27)

De acordo com Max Weber (2011, p. 27) a paixão (pela ciência e pelo objeto escolhido) jamais caminhará sozinha, visto que ela, a ciência, tem seus métodos próprios. A paixão sozinha, portanto, “não bastará, absolutamente, para assegurar que se alcance êxito” (Max WEBER, 2011, p. 29). Entretanto, a paixão pela ciência é elemento necessário à inspiração, visto que ela seria uma mola propulsora à aplicabilidade metodológica em torno do objeto escolhido. Dito de maneira mais simples, porém não menos significativa: é preciso paixão para pesquisar! Da mesma forma, é preciso ter coragem para compartilhar, entre pessoas com as mesmas paixões temáticas, os seus objetos de pesquisa. Talvez essa seja a função de um grupo de pesquisa, além da constante capacidade de produção de conhecimento, ele exige coragem para o debate entre ‘apaixonados’.

No caso do Mandrágora, a intensa produção sobre gênero e religião, desde o início dos anos 1989, tem influenciado e favorecido uma

Área Ciências Humanas. Realizamos uma busca parametrizada sobre grupos de pesquisa no Banco de Dados do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Os parâmetros utilizados para seleção dos grupos de pesquisa foram: 1) Grande Área Ciências Humanas; 2) Área Teologia; 3) Gênero e Religião (que constasse nas palavras-chave do grupo, em seu título ou em sua linha de pesquisa). Para nossa [não] surpresa, até o ano de 2021, só existiam – segundo a base de dados consultada bem como seus parâmetros estabelecidos – três Grupos de Pesquisa (ativos e certificados) de Gênero e Religião na área Teologia, incluindo o Mandrágora/NETMAL. Para maiores informações, consultar dados disponíveis em: http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta_consulta_parametrizada.jsf. Acesso em 07 nov. 2021.



gama de Cientistas da Religião preocupados com as intersecções de gênero, nas mais variadas formas de se analisar o campo religioso. Neste sentido, uso dizer que a lente observadora das/dos integrantes do Mandragora – que por sua vez insere-se em um Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião – perpassa pela observação de gênero, mesmo que as pesquisas não tenham como objetivo principal, exclusivamente, tal análise. Ou seja, a experiência comunitária-acadêmico em um grupo de estudos que tem como orientação a análise de gênero e religião, conduz-nos à constante tarefa de observar as diferenças nas relações sociais de sexo, não como único referencial teórico-metodológico à análise dos fenômenos religiosos, mas porque as relações de gênero perpassam a realidade social observada nos estudos de religião.

A INSERÇÃO DOS ESTUDOS DE GÊNERO NOS ESTUDOS DE RELIGIÃO

O PPGCR-UMESP é responsável pela formação de mestres desde o ano de 1981 e de doutores desde 1993. As temáticas abordadas nas teses e dissertações perpassam pelos estudos pastorais, sociais, da literatura bíblica e da teologia. Fizemos um levantamento dessa produção acadêmica na *home page* do Programa e analisamos todos os títulos das teses e dissertações publicadas no site oficial do Programa. Com relação ao critério de inclusão das teses e dissertações, selecionamos as dissertações e teses entre os anos 1981 e 2021, que contivessem no título uma das seguintes palavras: gênero, mulher, feminino/a, feminista, aborto.

Após o levantamento de dados, conseguimos vislumbrar a produção discente de teses e dissertações. Durante os 40 anos de existência ativa e marcante do Programa foram defendidas 685 dissertações de mestrado e 241 teses de doutorado. Demonstrando com isso a contribuição institucional, e por que não afirmar pioneira, do Programa na história e no processo formativo das Ciências da Religião no Brasil.⁴

⁴ Para maiores informações, consultar ‘A(s) Ciênci(a)s da Religião no Brasil’ (TEIXEIRA, 2008).

TABELA 1 - Proporcionalidade entre as Defesas do PPGCR-UMESP e as Temáticas de Gênero e Religião

	DISSERTAÇÕES		Proporção	TESES		Proporção
	Total Defendida	Defendida Temática ⁵		Total Defendida	Defendida Temática	
2010 – 2021	257 ⁶	18	7,00%	95	7	7,37%
2004 – 2009	-	-	-	61	9	14,75%
2001 – 2009	231	29	12,55%	-	-	-
1993 – 2003	-	-	-	85	9	10,59%
1981 – 2000	197	18	9,14%	-	-	-
Total Geral	685	65	9,49%	241	25	10,37%

Teses e Dissertações Desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo entre os Anos de 1981 e 2021.⁷

A tabela acima é apenas um reflexo⁸ da produção discente desenvolvida no Programa, juntamente com seus docentes, no processo de formação e capacitação de um corpo técnico especializado no campo religioso. Destaca-se um crescimento no número de defesas de dissertações e teses, com destaque entre os anos 1993 e 2002, quando há um aumento dessa produção em função da criação do Curso de Doutorado. Esta constatação se dá pelo fato de que, desde 1981, houve um represamento de mestres formados pela UMESP, aguardando o início

⁵ ‘Defendida Temática’ representam as teses e dissertações defendidas que tematizaram a relação gênero e religião.

⁶ Levando em consideração o contexto pandêmico mundial da COVID-19, os dados referentes à produção discente de teses e dissertações, no período entre 2010 e 2021, podem ter sido impactados consideravelmente.

⁷ Dados extraídos do site do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – PPGCR-UMESP, entre os anos de 1981 e 2021. Extraído de: <https://metodista.br/stricto-sensu/ciencias-da-religiao/publicacoes>. Acesso em 22 out 2021.

⁸ Reflexo porque os dados quantitativos não são capazes de expressar, em sua totalidade, a importância desse material (em termos valorativos) e a relevância social e acadêmica das teses e dissertações defendidas.

do Doutorado para continuidade de suas pesquisas. No mais, os dados mostram que há um crescimento paulatino, a cada década, da produção acadêmica no Programa.

Para além do quadro geral da produção de conhecimento no PPG-CR-UMESP entre os anos de 1981 e 2021, estamos nos perguntando pelo aumento da produção acadêmica sobre a temática gênero e religião, condicionada ao surgimento – ou não – de um GP especializado nesta temática a partir do ano de 1989. De acordo com o quantitativo levantado nesses 40 anos de existência do Programa, é notório o aumento do percentual de produção sobre esta temática na defesa de teses e dissertações. Isso pode ser um indicativo da alta produção discente em função da formação e consolidação de um espaço para o debate acadêmico em torno da discussão gênero e religião.

Em relação ao percentual de produção discente sobre gênero no âmbito da Pós-graduação nesse período, os percentuais ainda são tímidos. No caso das dissertações a média de produção temática é de 9,56%, enquanto no doutorado é de 10,90%. Mas, considerando todo o contexto de expropriação histórica das mulheres do mundo do saber científico, principalmente das Ciências da Religião, estes números podem indicar perspectivas promissoras para o avanço não apenas da temática gênero, mas de uma irreversível condição desta relação temática em futuras pesquisas sobre o campo religioso.

Ainda sobre o aumento dos dados, há uma qualitativa e profícua produção sobre os estudos de gênero e religião entre os anos de 2001 e 2009 (mestrado) e 2004 a 2009 (doutorado), trazendo evidências de que este fenômeno pode ser explicado pela criação e desenvolvimento do GP Mandrágora/NETMAL. Portanto, em relação aos temas gerais abordados no âmbito do Programa, as dissertações e teses que incluem a categoria gênero (nesse período) constituem 12,55% e 14,75%, respectivamente. Nos 40 anos de existência do Programa, esse foi o período de maior intensidade na produção de pesquisas sobre a temática.

Só em 1988, após sete anos de formação do Programa, defende-se a primeira dissertação de mestrado, intitulada ‘Revista Voz Missionaria – 1981 a 1985: uma análise de conteúdos a partir da condição da mulher’, que teve por objetivo compreender e analisar a ‘condição da mulher’

por meio do conteúdo discursivo de um periódico da Igreja Metodista. Nos 19 anos iniciais de atuação do Programa, de um total geral de 197 dissertações produzidas, apenas 18 (9,14%) tratavam tematicamente de questões relativas à mulher e o campo religioso.

Nesse período, também é possível observar que as temáticas abordadas nas dissertações refletiam a atuação política das mulheres na América Latina, bem como a problemática sobre a inserção delas nas igrejas, principalmente cristãs. Na tabela 2, que compreende o período de 1981-2021, observa-se a mudança – na perspectiva de análise – da relação ‘mulheres e religião’. Apesar de poucas, as pesquisas já ousam discutir a problemática num ambiente de produção teológica destinado aos homens. Como acontece no processo de construção do pensamento histórico feminista, há uma tentativa de resgate da história de mulheres em seus espaços religiosos de atuação, como forma de contestação aos lugares não ocupados (ou precariamente ocupados) por elas. Outrossim, o aporte teórico nesse momento se dá pelos estudos feministas – principalmente latino-americano – e pelo resgate histórico da atuação feminina nos espaços religiosos. Geralmente, essas produções são de mulheres, pois, a pesquisa constitui-se nesse momento como meio de transformação da realidade social, o que para Bourdieu (2004) é uma forma genuína e fundamental para produzir ciência, visto que “é preciso escapar da ‘ciência pura’, totalmente livre de qualquer necessidade social, sujeita a todas as demandas político-econômicas.” (BOURDIEU, 2004, p. 21)

A partir dos anos 2000, nota-se uma expansão sobre questões fundamentais à temática de gênero, como pode ser observado na tabela a seguir,

TABELA 2 – Teses e Dissertações sobre Gênero e Religião

TEMA	1981-2000	1993-2003	2001-2009	2004-2009	2010-2021		Total Tema
	Dissertações	Teses	Dissertações	Teses	Dissertações	Teses	
Estudos de Gênero	3	-	8	2	9	4	26
Estudos Feministas	1	1	4	2	0	1	9
Estudos Exegéticos Mulher	3	5	7	3	3	1	22
História de Mulheres	11	3	10	2	4	1	31
Aborto	-	-	-	-	2	-	2
Total Ano	18	9	29	9	18	7	90

Comparando as décadas, entre 1980 e 1990 com o período de 2001 a 2009, observa-se que a produção do conhecimento a partir de teses e dissertações dão um salto tanto quantitativo quanto teórico. Aos estudos feministas soma-se gênero como categoria de análise dos estudos de religião. Mudam-se drasticamente o enfoque temático das pesquisas, que outrora estavam centradas em ‘resgatar’ a história das mulheres ocultadas pelo processo histórico, mas que agora evocavam problemáticas milenares e estruturais das relações sociais de sexo.

As mudanças temáticas ocorridas de uma década para outra se devem não só, reitero, à instituição do GP – que privilegiou as discussões de gênero no âmbito de suas demandas acadêmicas, mas à própria

categoria gênero que recentemente havia sido sistematizada⁹ pela historiadora Joan Scott (1988)¹⁰. Neste sentido, além do GP contribuir como espaço de sociabilidade acadêmica, ele foi um dos pioneiros – no campo das Ciências da Religião – a discutir gênero como “categoria útil para análise da religião”¹¹. Em 2013 entrevistei Scott para uma edição da Revista Mandragora, indaguei-a sobre a importância da categoria gênero para o campo religioso, que assertivamente afirmara que “a religião é, certamente, um campo que se pode estudar com a lente crítica de gênero”. (LEMOS, 2013)

Tanto o crescimento das pesquisas sobre gênero e religião, quanto a mudança de enfoque na abordagem dos fenômenos sociorreligiosos são nítidos, como pode ser observado nos quadros acima. Isso se deve ao fato de que o âmbito de discussões sobre a temática fora ampliado e conquistara relativo espaço no contexto acadêmico. A partir dessa premissa Joan Scott (1995, p. 73), na década de 1980, já ousava afirmar que “‘gênero’ era um termo proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares.” Nosso levantamento demonstrou essa realidade transformativa, ou seja, de pesquisas fundamentais e extremamente relevantes – que tentavam incluir historicamente as mulheres como sujeitos no campo religioso – passamos às pesquisas que estruturalmente demonstravam as diferenças sociais entre os sexos no campo religioso.

Diante do breve ‘inventário’ que nos aventuramos levantar, algumas derradeiras considerações se fazem necessárias. Dentre elas destaco, fundamentalmente, a importância dos Grupos no processo de inserção de pesquisadores no universo acadêmico, bem como aquilo que

⁹ Antes da sistematização feita por Scott (1988) já havia uma discussão estabelecida sobre gênero, fato reconhecido por ela em seu artigo, e devidamente creditada aos estudos feministas. (SCOTT, 1995).

¹⁰ O artigo fora traduzido para a língua portuguesa em 1990 pela **Revista Educação e Realidade**, que revisou sua tradução em 1995. Originalmente, foi escrito em inglês em 1988. Para maiores informações consultar: SCOTT, Joan. **Gender on the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988 (p.28-50). Traduzido para o francês por Éléni Genre Varikas. Para maiores informações sobre a tradução francesa, consultar : SCOTT, Joan. Une catégorie utile d’analyse historique. In: **Les Cahiers du GRIF**, nº 37-38, 1988. Le genre de l’histoire. pp. 125-153. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/grif_0770-6081_1988_num_37_1_1759. Acesso em 06 nov 2021.

¹¹ Grifo nosso.

denomino alegoricamente de ‘intercambia[ções] mandragorianas’, essa interação comunitária científica como espaço de reflexão constante entre seus pares. Isto não se dá sem tensões externas e internas, afinal, o lugar científico também é um campo de trocas simbólicas e de relações de poder, como assertivamente observa Sandra Duarte de Souza (2004, p. 127). Entretanto, isto não desqualifica a sua importância e nem a sua singularidade para o campo de construção do saber científico.

Nossa suspeita de que a atuação de um GP responsável pelas discussões de gênero e religião influenciaria os estudos produzidos em seu contexto temático maior se confirmou. Tanto nas teses quanto nas dissertações publicadas pelo PPGCR-UMESP há um aumento paulatino, porém muito significativo, de conteúdo voltado à problemática de gênero. E apesar de tal crescimento ser concomitante à sistematização desta categoria analítica, o que implica em um maior debate sobre gênero nas pesquisas, fato é que tal reflexão fora trazida pelo GP para a arena de discussão desde o início, o que pode ter também despertado maior interesse do seu público, no âmbito de um Programa de Pós-graduação sobre estudos de religião.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU Pierre. *Os Usos Sociais da Ciência*: por uma sociologia clínica do campo científico. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: UNESP, 2004.
- LEMOS, Fernanda. Entrevista com Joan Scott. **Mandrágora**. 2013, v. 19, n. 19, pp. 161-164. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/4487/3806>. Acesso em: 23 out. 2021.
- LEMOS, Fernanda. A produção de conhecimento nas Ciências da Religião e os conflitos vivenciados pelos grupos de pesquisa na tentativa de institucionalização acadêmica. In: **Teologia Feminista e Estudos Feministas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2007. pp. 45 – 58.
- SCOTT, Joan.W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade [on line]**. 1995, v. 20, n. 2, pp. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em 23 out. 2021.
- SCOTT, Joan. **Gender on the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988 (p.28-50).
- SOUZA, Sandra Duarte de. Revista Mandrágora: gênero e religião nos estudos feministas. 2004. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 12, pp. 122-130. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300014/9509>. Acesso em: 24 out 2021.



TEIXEIRA, Faustino. A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2008.

WEBER, Max. **Ciência e Política**: duas vocações. Trad. Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. 18ª ed. São Paulo, Cultrix. 2011.

WEISS, Raquel.. Max Weber e o Problema dos Valores: as justificativas para a neutralidade axiológica. **Revista de Sociologia e Política** [online]. 2014, v. 22, n. 49, pp. 113-137. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-44782014000100007>>. Epub 10 Jul 2014. ISSN 1678-9873. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782014000100007>. Acesso em 13 Out. 2021.

Submetido em: 15-9-2021

Aceito em: 8-11-2021